



---

# Carta Aware

AGOSTO 2025

Leia mais em nosso site: [www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)

### Estados Unidos

Em agosto os EUA mostraram um quadro de crescimento surpreendente em torno de um núcleo de fragilidades: o PIB revisado veio forte e a inflação medida pelo PCE segue teimosa, com a leitura de julho confirmando aceleração dentro do esperado, o que desestabiliza a percepção de que o problema inflacionário estaria resolvido. Complementando a conjuntura, o Livro Bege do Fed pinta um quadro de fragilidade com relatos de diversos distritos apontando as tarifas como fator de pressão sobre custos de insumos e destacando a dificuldade das empresas em repassar aumentos aos consumidores. Ao mesmo tempo, a Casa Branca celebra o chamado “tarifaço” como fonte de receita, com Trump afirmando que as tarifas trarão cerca de US\$ 200 bilhões em um mês e vendendo a ideia de que essa política fortalece a economia, mas, na prática, trata-se de uma estratégia de curto prazo que gera receitas e atritos comerciais, eleva custos para produtores e consumidores e sinaliza choques de competitividade que muito provavelmente se transformarão em retrocesso para cadeias produtivas e comércio aberto.

Na arena monetária, Jerome Powell adotou um tom mais brando em Jackson Hole e passou a sugerir que cortes podem estar próximos, reação que inflamou apostas de mercado sobre redução de juros. Esse recuo no discurso, somado à frequente politização do debate sobre a autonomia do Fed, abre espaço para dúvidas sobre a credibilidade da autoridade monetária. A perspectiva é clara, Powell tem operado numa zona ambígua entre prudência técnica e importunação política, e essa fragilidade do Banco Central perante a própria atuação e a intermitência de seus dirigentes enquanto funcionários públicos torna ainda mais tortuosa a missão de ancorar expectativas em momento de inflação resistente. Christine Lagarde e a cúpula do BCE já soaram o alarme sobre interferência política no BC americano, e esse alerta deve ser levado a sério por quem administra risco global.

A controvérsia em torno de indicados ao Fed e a carta de economistas em defesa de Lisa Cook mostram que a política monetária americana não está imune a pressões externas e a debates públicos, o que contribui para a perda de confiança internacional na instituição como guardiã independente da estabilidade de preços. Em termos práticos, quando o mundo começa a duvidar da independência do Fed, perde-se também a confiança no dólar como porto seguro e na capacidade dos EUA de funcionarem como credor global com regras previsíveis. Essa erosão de confiança é lenta, mas perigosa. Segundo Dalio, voltamos aos anos 30. Já na visão de Krugman, 2025 selará o fim da democracia yankee.

### Estados Unidos

No plano geopolítico o cenário é igualmente tenso. A escalada de ações militares na costa venezuelana e o disparo de militares americanos contra um suposto navio contrabandista elevam o nível de alerta nas fronteiras sul-americanas e nos corredores de comércio. Para o Brasil, isso não é abstrato: instabilidade na Venezuela pressiona fluxos migratórios, segurança de fronteira e cadeia logística regional, reacendendo riscos que podem repercutir sobre comércio e estabilidade local.

Paralelamente, a retórica e as medidas norte-americanas têm empurrado governos e blocos orientais para uma postura mais coordenada em defesa de seus interesses. A narrativa de uma "aliança oriental" entre China, Rússia, Índia e parceiros asiáticos não é um sinete formalizado de um novo bloco, mas traduz uma tendência clara: esses atores estão dispostos a responder à pressão tarifária e a criar alternativas de aproximação entre si, o que complica as possibilidades de cooperação multilateral centrada nos EUA. A percepção pública, amplificada por acusações recíprocas entre líderes globais, reforça a ideia de desgarro entre centros e periferias no novo mapa político. O encontro histórico no Alaska tratou-se de nada mais do que uma movimentação no xadrez diplomático orquestrado por Putin.

Por fim, sobre a estratégia MAGA: sim, há método. Tarifas, protecionismo e retórica de segurança econômica fazem parte de um projeto coerente para proteger setores domésticos e gerar caixa fiscal. Contudo, essa estratégia é, em grande medida, um tiro no pé. Ela cria receitas pontuais à custa de maior incerteza, prejudica a profundidade dos mercados domésticos e internacionais, estimula respostas comerciais e geopolíticas adversas e, se mantida por muito tempo, tende a corroer a base real de crescimento produtivo e emprego que ela pretende proteger. Em equilíbrio, o desempenho recente dos EUA mostra força conjuntural, mas esse equilíbrio é tênue e instável. Até que ponto fazer a América grande novamente de fato tornará a América atrativa de novo?

### Europa

O Velho Continente iniciou o mês em situação de fragilidade acumulada, com sinais de tensão fiscal já internalizados pelos mercados. Os rendimentos de títulos de longo prazo atingiram picos que reprecificam prêmios de risco por prazo e aumentam o custo marginal de financiamento dos Estados, elevando a sensibilidade dos balanços públicos a choques exógenos. Apesar de uma revisão técnica que aponta crescimento de 0,1% no segundo trimestre, esse avanço é insuficiente para compensar deteriorações estruturais em várias economias centrais do bloco. A Alemanha apresenta indicadores alarmantes do ponto de vista da macro prudência. A contração do PIB e o PMI industrial persistente abaixo de 50 apontam para fragilidade na atividade real, enquanto o aumento do desemprego para 3 milhões, nível que não se via em uma década, pressiona o balanço social e reduz o espaço fiscal para estímulos.

A combinação de crescimento anêmico e custos de financiamento crescentes amplia o risco de feedback negativo entre déficit nominal e o prêmio, exigindo respostas fiscais e estruturais coordenadas com caráter de urgência. A França está em trajetória de declínio relativo da sua capacidade de liderança econômica. As resistências internas à ratificação de acordos comerciais e os desafios fiscais corroem a margem de manobra orçamental e comprometem a competitividade externa. Essa confluência de fatores reduz a capacidade do país de impulsionar reformas que ancorem crescimento de longo prazo, o que por sua vez fragiliza a coesão política do bloco.

Há, contudo, bolsões de resiliência setorial e regional. Indicadores compostos e alguns PMIs apontaram aceleração de novos pedidos e ganhos em serviços, bolsas reagiram positivamente a dados favoráveis e setores defensivos, como o farmacêutico, têm se mostrado fontes de estabilidade relativa. Portugal e setores da economia espanhola continuam a apresentar dinâmicas robustas e funcionam como amortecedores locais. Quanto ao Mercosul, sua ratificação parcial pelo bloco europeu poderia oferecer um canal adicional de demanda para exportadores europeus e atenuar excedentes industriais de curto prazo. No entanto, a utilização do acordo inter-regional como válvula de escape é limitada por barreiras políticas internas na Europa, pela necessidade de ajustes regulatórios e por potenciais respostas protecionistas de terceiros. A hipótese de que o Mercosul resolveria os problemas europeus é excessivamente otimista.

Do ponto de vista geopolítico e estratégico, a incapacidade europeia de articular respostas rápidas tem aberto espaço para táticas de atores revisionistas que exploram fissuras políticas e econômicas. A influência russa em vários vetores geo-econômicos e de narrativa vem tendo impacto prático nas opções de política dos estados europeus, catalisando escolhas de curto prazo que não necessariamente favorecem resiliência institucional. Essa dinâmica contribui para uma corrosão gradual da capacidade da Europa de projetar poder econômico coerente e o xeque-mate no tabuleiro do Velho Continente parece cada vez mais concreto.

### Ásia

#### China

A Mãe China fechou o segundo semestre mostrando uma combinação de resiliência macroeconômica e a desafios estruturais que consolidam seu papel central no tabuleiro global. A Moody's elevou para 4,7% a projeção de crescimento do PIB para 2025 depois de um primeiro semestre mais forte do que o esperado impulsionado por exportações e medidas fiscais e monetárias, sinalizando que a economia ainda tem fôlego apesar da fragilidade do consumo interno.

O People's Bank of China tem reiterado a intenção de manter uma política monetária adequadamente frouxa, com taxas de referência inalteradas, e tem colocado ênfase em apoio a exportadores e em facilitação do crédito para conter uma desaceleração mais profunda. Em termos de atividade, o setor de serviços atingiu picos mensuráveis, com a expansão em agosto registrando o maior nível em 15 meses, o que confirma que a reorientação do crescimento para a demanda doméstica vem avançando, ainda que de forma desigual e incompleta. Esses elementos compõem um padrão claro: a China combina políticas proativas e espaço fiscal suficiente para neutralizar, no curto prazo, os impactos de medidas tarifárias externas, o que reduz a eficácia dos boicotes comerciais dos Estados Unidos como instrumento para conter o crescimento chinês.

Esse comportamento reforça a percepção popular de uma transição de poder realocando-se em direção a Pequim, mas também militar. No campo bélico e geoestratégico há evidências crescentes, em análises de especialistas e relatórios de defesa, de que a China vem ampliando capacidade e cooperação com aliados regionais, o que traduz uma demonstração de força de múltiplas frentes e complica as opções de política externa ocidentais.

Diante desse quadro, o cenário para parceiros como o Brasil muda de forma tangível. A capacidade chinesa de absorver choques comerciais e de realinhar cadeias de valor reduz a janela de influência tradicional de políticas de pressão externa. Para investidores e formuladores de política, isso significa reavaliar premissas sobre previsibilidade de mercados e cadeias globais, incorporar cenários nos quais a China sustenta crescimento acima das expectativas e ajustar a matriz de risco geoeconômico levando em conta tanto a força econômica quanto a assertividade estratégica de Pequim.

#### Japão

Os dados recentes consolidam um Japão em recuperação desigual, com sinais de atividade mais robusta, pressões de preço persistentes e fatores externos que continuam a complicar o quadro de normalização monetária. O PIB cresceu mais do que o mercado esperava no segundo trimestre, impulsionado por exportações resilientes e aumento dos gastos de capital, leitura que reacendeu o debate sobre o momento de um aperto pelo BoJ.

### Ásia

#### Japão (cont.)

Em termos inflacionários, há uma mistura difícil de digerir. O núcleo da inflação desacelerou em julho, mas permanece acima da meta, o que mantém o BC em alerta e alimenta a noção de que a normalização das taxas terá de ser gradual e orientada por dados concretos sobre salários. A aposta é de que um aperto nas condições do mercado de trabalho vai pressionar salários para cima, oferecendo o gatilho necessário para ancorar uma trajetória de inflação mais sustentável. Ao mesmo tempo, os preços ao produtor recuaram para a mínima em 11 meses, um sinal de alívio nas pressões de custo que pode criar espaço para o banco central respirar. No mercado acionário, a reação foi imediata: a bolsa japonesa alcançou patamares recorde após a divulgação do PIB, sinalizando otimismo com a combinação de crescimento e recuperação setorial.

#### Índia

A Índia chega ao fim do verão com sinais macroeconômicos robustos e uma postura geoeconômica cada vez mais assertiva. O crescimento surpreendeu novamente, com a economia avançando 7,8% no primeiro trimestre fiscal, acima do esperado. Ao mesmo tempo, a inflação no varejo desacelerou para 1,55% em julho, dando algum respiro às autoridades monetárias e reduzindo o risco imediato de reação contracionista. Esse dinamismo doméstico fornece alicerce para Nova Déli negociar com maior margem de manobra no cenário internacional. As tarifas impostas pela administração Trump, com alíquotas de até 50% sobre itens indianos, não atuaram apenas como instrumento de pressão, mas funcionaram como força aniquiladora do comércio tal qual o conhecíamos, rompendo contratos, encarecendo cadeias produtivas e pondo em risco milhões de empregos ligados a têxteis, diamantes e manufatura voltada à exportação.

É nesse quadro que surge o elemento mais significativo: a aproximação entre Índia e China não é mera cortesia diplomática, mas sim uma resposta realista a uma ameaça externa percebida. Visitas de estado, declarações públicas de parceria econômica e o reforço de laços comerciais mostram que antigos rivais estão dispostos a coordenação prática quando confrontados por políticas que os penalizam unilateralmente.

Modi deixou claro o compromisso em melhorar laços com Pequim e a retórica oficial passou de cautela para cooperação tangível. Esse movimento tem valor estratégico: ao estreitarem a cooperação, ambos reduzem sua vulnerabilidade a sanções e boicotes e criam alternativas logísticas e de demanda que corroem o poder de pressão comercial dos EUA. A máxima de Sun Tzu encaixa-se bem nisso: "Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas."

### América Latina

#### Argentina

A Argentina chega a setembro em terreno político e econômico visivelmente mais instável, com sinais que misturam avanços técnicos e retrocessos de confiança. O governo passou a intervir mais intensamente no câmbio e a autoridade monetária adotou medidas extraordinárias para conter a liquidez e acalmar mercados, manobras que revelam uma economia ainda muito dependente de operações de curto prazo para segurar expectativas.

Concomitantemente, o escândalo envolvendo a irmã do presidente corroeu parte significativa da legitimidade pública e minou a já frágil credibilidade do Executivo, reduzindo o capital político necessário para implementar reformas difíceis e ampliando o risco eleitoral no curto prazo. No campo real, o PIB mostrou sinais de arrefecimento, com queda de 0,7% em junho na comparação mensal, um lembrete de que ganhos pontuais podem se perder se a confiança não for restabelecida.

Há, sim, elementos de otimismo técnico, já que o programa com o FMI avançou e houve liberação de recursos que dão margem para políticas de contenção da inflação, mas tais ganhos são frágeis enquanto a narrativa política deteriora a percepção de previsibilidade. Essa combinação expõe uma contradição fundamental do atual governo: a retórica ultraliberal de mercado e liquidação do estado convivem, na prática, com um ativismo intervencionista que age quando a volatilidade aumenta.

Em outras palavras, proclama-se liberalização plena, mas recorre-se a instrumentos de controle sempre que a política produz ruído e fuga de capitais. Para resumir com ironia que cabe bem ao momento, "Parem o mundo, que eu quero descer", diria Mafalda.

### Brasil

No cenário macroeconômico brasileiro, agosto trouxe novos sinais de moderação da atividade e de desinflação, em um ambiente ainda marcado por juros elevados e incertezas fiscais. O PIB do segundo trimestre cresceu 0,4% na comparação com o trimestre anterior, em linha com o esperado, refletindo a resiliência do consumo, sustentado pelo mercado de trabalho, mas também a desaceleração do investimento diante do aperto monetário. O setor agropecuário, que havia sido motor no início do ano, perdeu fôlego em relação ao primeiro trimestre. Para o restante de 2025 e 2026, as projeções de crescimento seguem em 2,3% e 1,5%, respectivamente, refletindo moderação gradual da economia.

A inflação deu sinais positivos: o IPCA de agosto registrou deflação de 0,11%, acumulando alta de 5,13% em 12 meses, ligeiramente abaixo dos 5,23% observados em julho. O resultado manteve a trajetória de desinflação iniciada no segundo semestre de 2024, embora os núcleos permaneçam acima da meta de 3% e ainda indiquem persistência inflacionária. O INPC, voltado para famílias de menor renda, também teve deflação de 0,21% no mês. Apesar desse alívio, a sinalização recente dos dirigentes do Banco Central reforçou que a Selic deve permanecer em 15% até o fim de 2025, com eventual discussão de cortes apenas na primeira metade de 2026, quando a taxa deve encerrar em 12,5%.

O mercado de trabalho seguiu resiliente, embora em ritmo mais moderado. Em julho, foram criadas 129,8 mil vagas com carteira assinada, segundo o Caged, acumulando mais de 1,3 milhão de empregos formais no ano. A taxa de desemprego se manteve em 5,8% no trimestre encerrado em julho, no menor patamar em mais de uma década, indicando força da ocupação, mas com tendência de desaceleração gradual.

No campo fiscal, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 18,5 bilhões em julho. Em 12 meses, o superávit primário recuou para R\$ 12,1 bilhões, o equivalente a 0,10% do PIB, enquanto a dívida bruta subiu para 77,1% do PIB, refletindo aumento da pressão fiscal.

No cenário externo, em agosto entraram em vigor as tarifas de 50% impostas pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros, impactando carnes e café, ainda que com exceções para itens estratégicos. A medida intensificou preocupações sobre as exportações e motivou resposta diplomática do governo brasileiro junto à Camex e à OMC. Apesar disso, o efeito sobre o mercado foi atenuado pela melhora do ambiente global para ativos de risco e pela valorização do real, que se apreciou cerca de 3% no mês, apoiado pela queda dos yields de 10 anos nos EUA e pela expectativa de cortes de juros locais em 2026.

## Juros & Câmbio

No Brasil, a curva de juros apresentou fechamento nos vértices curtos e médios, refletindo a deflação do IPCA em agosto e a melhora do ambiente global de liquidez. Já nos prazos mais longos, predominou a abertura, com o vértice de 10 anos registrando alta em torno de 0,5 p.p., próximo de 14,6%, em reação à percepção de risco fiscal mais elevado, impulsionada por medidas de aumento de receita, como alterações no IOF, e pelo impacto das tarifas impostas pelos Estados Unidos. Ainda assim, a redução das taxas dos prefixados ao longo da curva beneficiou o desempenho de alocações em renda fixa, enquanto os ativos atrelados à inflação permaneceram praticamente estáveis.

No câmbio, o dólar apresentou desempenho misto. Frente ao real, encerrou agosto com desvalorização de cerca de 3%, negociado próximo a R\$ 5,44, influenciado por políticas monetárias nos Estados Unidos. No cenário internacional, a moeda perdeu força frente a outras divisas, acompanhando a expectativa de postura mais dovish do Federal Reserve e a melhora do sentimento global de risco. Esse movimento também impulsionou o preço do ouro, que avançou frente ao dólar, refletindo a busca por ativos de refúgio em um contexto de juros globais mais baixos e incertezas externas. Consequentemente, o dólar se desvalorizou em termos relativos frente a moedas desenvolvidas, favorecendo estratégias com exposição ao real contra uma cesta de pares.

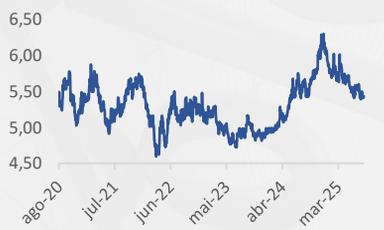
Nos Estados Unidos, a curva de juros recuou novamente nos prazos curtos, sustentada pela percepção de que o Fed poderá iniciar cortes já em setembro. Essa expectativa foi reforçada durante o encontro de Jackson Hole, quando o presidente do Fed, Jerome Powell, sinalizou a possibilidade de redução dos juros diante de sinais de enfraquecimento do mercado de trabalho e da atividade econômica. Os vértices longos permaneceram estáveis, refletindo a expectativa de que a política monetária seguirá restritiva tempo suficiente para garantir a convergência da inflação.

Em síntese, agosto foi marcado por um ambiente de transição: a queda dos juros curtos, a desvalorização global do dólar e a valorização do ouro reforçaram a busca por ativos de risco e proteção, enquanto os desafios fiscais domésticos e as tarifas externas mantiveram o real pressionado, limitando ganhos cambiais mais consistentes.

### Moedas

Dólar	5,44	-2,83%
Euro	6,35	-0,33%
Libra	7,33	-0,84%
Yuan	0,76	-2,06%
Iene	3,97	-1,61%
Lira Turca	0,13	0,46%

### Evolução Dólar



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

### Evolução DXY



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

### Evolução Ouro



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

## Bolsas

O mês de agosto foi marcado por uma recuperação relevante dos ativos de risco, com destaque para a performance positiva das bolsas globais e a retomada do otimismo em mercados emergentes. O discurso mais brando de Jerome Powell em Jackson Hole reforçou a expectativa de que o Federal Reserve possa iniciar cortes de juros já em setembro, favorecendo a precificação de um cenário de “soft landing”. Esse movimento, aliado ao arrefecimento dos juros longos nos EUA e à temporada de resultados corporativos positiva, sustentou o apetite por risco ao longo do mês.

Nos Estados Unidos, os principais índices renovaram máximas históricas. O S&P 500 avançou 1,9% em agosto, acumulando quatro meses consecutivos de ganhos, enquanto o Nasdaq subiu 2,5% e o Dow Jones apresentou alta marginal. O earnings season caminhou para o fim com cerca de 80% das empresas superando estimativas, em média 8% acima do consenso.

Na Europa e na Ásia, os mercados também avançaram. Na China, o anúncio de estímulos adicionais em setores estratégicos ajudou a sustentar o otimismo, enquanto balanços sólidos na Europa e inflação controlada na Coreia do Sul reforçaram o viés positivo.

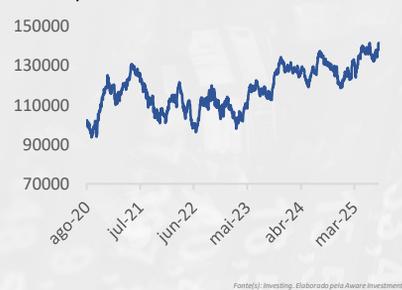
No Brasil, o Ibovespa subiu 6,3% em agosto, recuperando parte das perdas acumuladas nos dois meses anteriores e alcançando novo recorde histórico acima de 142 mil pontos. A valorização do real (+3% no mês), o arrefecimento das preocupações com tarifas americanas e a perspectiva de cortes adicionais de juros pelo Banco Central foram determinantes para o movimento, mesmo em meio a um ambiente político ainda conturbado, marcado por maior incerteza eleitoral. O fluxo estrangeiro voltou a dar suporte ao mercado, e o índice acumula alta de 17,5% no ano.

Em síntese, agosto trouxe de volta o otimismo para os mercados globais, sustentado por fundamentos sólidos nos EUA, estímulos na China e expectativa de flexibilização monetária nas principais economias. Para os próximos meses, a trajetória dos ativos seguirá dependente da confirmação do cenário de inflação em desaceleração, do início efetivo dos cortes de juros pelo Federal Reserve e da condução da política monetária local. A manutenção do fluxo estrangeiro e a redução de incertezas políticas serão fatores centrais para consolidar a recuperação do mercado brasileiro no segundo semestre.

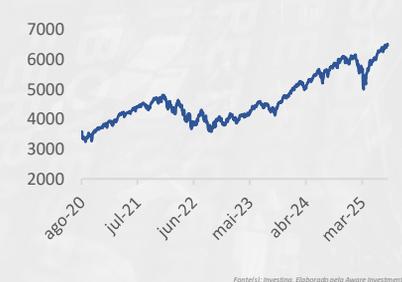
### Índices

Ibovespa	141.422	6,28%
S&P 500	6.481	1,9%
Nasdaq	21.689	2,5%
Euro Stoxx 50	5.368	0,03%
Shanghai	3.857	-0,01%

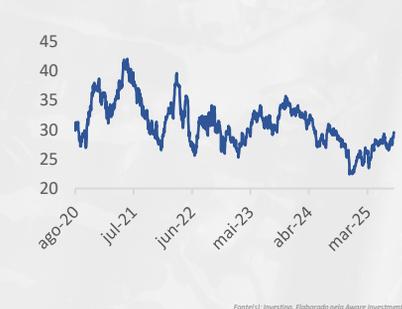
### Ibovespa



### S&P 500



### Índice EWZ



## Perspectivas

Agosto trouxe um cenário de contrastes importantes no front internacional. Nos EUA, apesar de o PIB revisado ter surpreendido positivamente, a inflação medida pelo PCE segue resiliente, confirmando que a batalha contra preços não está encerrada. O Livro Bege reforçou sinais de fragilidade, com empresas enfrentando dificuldade para repassar custos em meio ao impacto das tarifas. Ao mesmo tempo, Jerome Powell adotou tom mais brando em Jackson Hole, alimentando a expectativa de cortes de juros ainda em 2025. Essa mudança de discurso, porém, expõe a vulnerabilidade da autonomia do Fed, hoje cada vez mais politizada. Para nós, essa incerteza reforça a necessidade de cautela no posicionamento em Treasuries de longo prazo, preferindo a parte intermediária da curva e a exposição seletiva a crédito.

Na Europa, o ambiente permanece desafiador. A Alemanha sinaliza contração estrutural com PMI industrial persistentemente abaixo de 50 e desemprego em elevação, enquanto a França perde capacidade de liderança e enfrenta dilemas fiscais que corroem sua competitividade. O bloco como um todo sofre com a combinação de crescimento anêmico e custos de financiamento crescentes, aumentando a probabilidade de um ciclo de fragilidade fiscal. Ainda assim, identificamos bolsões de resiliência em setores defensivos, como farmacêutico e serviços, e em países periféricos como Portugal e Espanha. Para o investidor global, isso sugere que a abordagem mais adequada continua sendo seletiva, privilegiando estratégias long/short setoriais ou fundos multiestratégia com baixa correlação ao risco soberano europeu.

No Brasil, observamos sinais de moderação da atividade: crescimento de 0,4% no segundo trimestre, deflação pontual em agosto e núcleos inflacionários ainda acima da meta. O mercado de trabalho segue resiliente, mas em ritmo mais lento, enquanto o fiscal preocupa, com déficit primário e dívida bruta em ascensão. A Selic deve se manter em 15% até 2025, com cortes apenas no início de 2026, o que limita espaço para políticas expansionistas. O impacto das tarifas americanas sobre carnes e café adiciona incerteza às exportações, embora a valorização do real (+3% no mês) tenha amortecido parte da percepção de risco. Seguimos vendo prêmio atrativo em renda fixa local no curto prazo, mas ressaltamos que a alocação precisa ser balanceada frente ao risco fiscal, evitando concentração excessiva em vértices longos.

Em termos de mercado, agosto foi positivo para ativos de risco: bolsas globais avançaram, o S&P 500 e o Nasdaq renovaram máximas e o Ibovespa recuperou parte das perdas recentes, fechando acima dos 142 mil pontos. O fluxo estrangeiro voltou, sustentado por expectativas de cortes de juros nos EUA e estímulos na China. Ainda assim, nossa visão na Aware é cautelosa. O mercado local precifica alternância de poder como vetor positivo, mas entendemos que a fragilidade fiscal e o ambiente político exigem prudência. Vemos que o ciclo de juros chegou ao topo no Brasil e cortes nos EUA podem estar próximos, cenário que favorece diversificação internacional e proteção cambial. Nossa recomendação central é manter portfólios globalmente equilibrados, explorando oportunidades em ativos de qualidade no exterior, enquanto seguimos seletivos e defensivos no Brasil.



### *Disclaimer*

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your  
investments

---

AWARE INVESTMENTS  
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

[contato@awaregestao.com](mailto:contato@awaregestao.com)  
[www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)